

TECITURA: AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**THE WEAVE: AFFECTIVENESS AND LEARNING IN CHILD EDUCATION**Ana Angélica Markic¹**RESUMO**

Este artigo busca apresentar uma reflexão da relação estabelecida entre a afetividade, o processo de ensino e aprendizagem e sua relação que está inteiramente ligada ao desenvolvimento do aluno na educação infantil. Objetiva identificar possíveis fatores afetivos que estão relacionados à aprendizagem escolar, bem como a relação professor/aluno frente às dificuldades de aprendizagem, a escola como agente socializador e o papel da família. Busca também pontuar a relação da afetividade com o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos emocionais, motores, culturais e sociais e a responsabilidade dos educadores em contribuir nessa formação. Tomando-se por base as pesquisas do psicólogo francês Henri Wallon que propõe analisar a relação entre pais e filhos - professores e alunos na construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Aprendizagem. Educação Infantil.

ABSTRACT

This article seeks to present a reflection of the established relationship between affectivity, the teaching and learning process and its relation that is integrally linked to the student's development in early childhood education. It aims to identify possible affective factors that are related to school learning, as well as the teacher / student relationship to learning difficulties, the school as a socializing agent and the role of the family. It also seeks to assess the relationship between affection and the integral development of the child in its emotional, motor, cultural and social aspects and the responsibility of educators to contribute to this formation. Based on the researches of the French psychologist Henri Wallon that proposes to analyze the relationship between parents and children - teachers and students in the construction of knowledge.

KEYWORDS: Affectivity. Learning. Child education.

Pedagoga, Psicopedagoga, especialista em Atendimento Educacional Especial, Educação Infantil e Neuropsicopedagogia. Mestranda em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo. Docente na Universidade de Guarulhos.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo contínuo, dinâmico e fundamental que ocorre durante toda a vida do ser humano e é por meio dela que o indivíduo se apropria de novos conhecimentos, de modo que esse conhecimento passa a fazer parte dele. Uma disfunção nesse processo é denominada dificuldade de aprendizagem. Neste processo há a expectativa do professor e da família que esperam ansiosamente por resultados positivos.

Diante disso, o interesse por esse tema vem da vida profissional, onde convivemos com muitas professoras que não conseguiram lidar com os problemas de aprendizagem dos alunos, culpabilizando sempre a família, o aluno ou o sistema de ensino do insucesso escolar. O que não conseguiram ver é que as dificuldades de aprendizagem estão além de “culpas”. Há muitos casos de crianças que por este motivo abandonaram os estudos e que perderam o interesse pela escola. Existem situações que ocorrem uma relação desequilibrada entre professor-aluno e entre aluno-família, o que pode ocasionar afetos negativos na relação da criança com suas experiências escolares.

Neste sentido esta pesquisa se justifica pela necessidade de levantar discussões envolvendo esta temática que extrapolem o campo teórico com implicações urgentes na prática e se fundamentou na realização de um estudo bibliográfico com o intuito de responder e esclarecer a relação da afetividade com a aprendizagem na expectativa de oferecer alguma orientação para que escola e professores superem as dificuldades encontradas na relação com

alunos, que mesmo de forma inconsciente são vítimas de problemas de aprendizagem relacionados à afetividade.

Na pesquisa bibliográfica foram consultadas várias literaturas relativas ao tema em estudo, artigos publicados na internet e que possibilitaram que este trabalho tomasse forma para ser fundamentado. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o “levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Partindo desta premissa, iremos discutir na primeira seção conceitos que permitem compreender melhor os aspectos teóricos sobre o tema afetividade. A seguir, apresenta-se como ocorre a interação da criança com a família e a escola. Na sequência se descreveu qual o papel da afetividade no desenvolvimento da criança segundo Wallon. O penúltimo tópico, a sala de aula e a relação emoção e afetividade, trata que durante o processo ensino-aprendizagem a emoção está presente e que muitas vezes, os envolvidos neste processo, como o professor, não sabem lidar com essas emoções. Finalizando o trabalho, apresentamos as principais considerações obtidas com a pesquisa.

O QUE É AFETIVIDADE?



A questão da afetividade tem sido bastante discutida por professores, pais e educadores em que é percebida a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem.

Mas, de que afetividade estamos falando? Até mesmo conceituar o termo é difícil, tendo em vista as diversas teorias a respeito.

Citamos aqui Ferreira (1999, p. 62) que assim define afetividade: “Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”.

A construção de uma relação pautada por uma visão de aluno integral, com aspectos emocionais, motores, culturais e sociais abarca todos os aspectos da relação entre professor-aluno; aluno-escola.

Acreditamos que tratar o aluno com afetividade nada tem a ver com “passar a mão na cabeça” ou deixar de estabelecer limites, como evidenciam alguns professores que encontramos no nosso caminho profissional. Trata-se sim, de dar atenção ao que afeta esta criança, seja de maneira negativa ou positiva. Quanto mais o educador tiver consciência do que está presente nas dinâmicas estabelecidas na relação direta com os alunos, maior será a chance de utilizar os recursos corretos para auxiliar o aprendizado

Percebemos durante o tempo em que permanecemos na educação infantil, o desprazer de alguns professores em estar no cotidiano de uma escola. Este desprazer desconsidera a afetividade positiva na relação professor/aluno e traz prejuízos para a ação pedagógica, onde o professor não qualifica

seu trabalho, não se preocupa em conhecer seu aluno, não organiza ações adequadas as reais necessidades dos alunos e não compreende que o estar bem em sala de aula influencia na aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1996) para que o ser humano aprenda, é necessário que ele interaja com os outros seres humanos. A partir dessas interações, ao longo do desenvolvimento da espécie humana, o homem foi se apropriando de conhecimentos, habilidades, estratégias, valores, crenças e aptidões. Esses conhecimentos que são transmitidos na escola por muitas vezes, não conseguem ser absorvidos pelo aluno.

Segundo Smith e Strick (2007) ano após ano, muitas crianças são classificadas como tendo baixa inteligência, insolência ou preguiça, quando apresentam atitudes negativas. Percebe-se, também, que permanecem nas escolas de maneira ociosa, sem interesse pelas atividades escolares e acabam deixando a sala de aula.

O educador ao observar o processo de aprendizagem do seu aluno, perceberá se tem dificuldades ou não e é importante que se tome medidas cabíveis a fim de ajudar esses alunos a terem prazer e sucesso na escola. Por isso o professor deve propiciar melhores condições de aprendizado aos alunos, trazendo em suas relações estímulos para a recuperação de dificuldade.

Segundo Pain (1985, p. 24) “[...] existem dois tipos de condições para a aprendizagem: as externas, que definem o campo do estímulo, e as internas que definem o sujeito”. No decorrer da vida ocorrerão mudanças nos sujeitos e estes fatores são determinantes para isto.



Através de novos vínculos sociais, a criança passa a interagir com novos padrões de comportamento, conteúdos e valores sociais. Esse conhecimento de mundo ocorre do real para o mental. Segundo Wallon (1975) apud Almeida (1993, p. 14) o desenvolvimento da inteligência, em grande parte, é função do meio social. Para que ele possa transportar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornam-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos surgidos desse meio.

Ariés (1986) destaca que a concepção moderna de infância é contraditória. Muitas vezes a criança é vista como ser puro e inocente, sem maldade, que precisa ser protegido. Outras vezes a criança é vista como um ser de más qualidades, que precisa ser domado para ser útil à sociedade. Se a interação vivida pela criança for desestruturada, abalará o comportamento infantil.

De acordo com Paín (1985) o fator ambiental é determinante no diagnóstico do problema de aprendizagem e se a escola não estiver atenta, essas dificuldades podem agravar cada vez mais.

Diante disso, a responsabilidade da escola em se preocupar com seu espaço físico, onde o mesmo deve ser estimulante e significativo para a aprendizagem das crianças, em como ter um olhar atento as suas necessidades e a um planejamento pensado, organizado e flexível para atender a criança real que ali está.

2.1 INTERAÇÕES DA CRIANÇA COM A FAMÍLIA E A ESCOLA

A criança estabelece relações inicialmente com a família e posteriormente com a escola. Segundo Almeida (1999, p.57):

[...]a criança apropria-se dos bens culturais e, provavelmente, ingressa como elemento do meio social na medida em que domina os instrumentos de origem social, pois a linguagem e os diversos sistemas de símbolos possibilitam ultrapassar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta.

A relação com a família hoje, é muito comprometida, pois crianças e adultos muitas vezes não se misturam: os pais com seus compromissos profissionais deixam suas crianças com as babás, televisão, videogame, preenche a agenda dos filhos para que eles não sintam falta dos pais ausentes, a ausência de diálogo faz com que, às vezes as crianças cresçam rejeitadas, desobedientes, agressivas e carentes.

O artigo 226 da Constituição Federal de 1988 dispõe que “a família é a base da sociedade” (ANDRADE, 2010), sendo assim, compete a família, que é a primeira instituição que a criança vivencia, a sua formação, por exemplo, nos aspectos social, cognitivo e afetivo de tal maneira, que possibilite a criança viver em sociedade de maneira íntegra, saudável e feliz.

Segundo Tiba (2002, p. 185) "Quando a criança sabe que poderá contar tudo aos pais sente-se mais forte e participativa". Esta confiança que se estabelece entre pais e filhos é o que fortalece a formação desta criança para viver em sociedade.



Corrêa (2000, p. 130) pontua que:

Pai e mãe sentem-se esmaecidos, confusos, ambivalentes quanto aos seus papéis e quanto aos valores a serem transmitidos aos filhos. " A exposição a que estamos submetidos pela avalanche das transformações sociais, culturais e econômicas acaba por alterar os códigos e valores que são usados na formulação que possamos fazer de nós mesmos e da família. Uma das principais tarefas da família é preparar a criança para ser inserida na sociedade, através da herança de valores estabelecidos na família como cultura, afetividade, religião e educação.

Assim, a família tem como função orientar os filhos no desenvolvimento e aquisição de comportamentos aceitos socialmente, bem como: oferecer cuidados e proteção às crianças; dar suporte à evolução da criança; dar suporte para as crianças serem pessoas emocionalmente equilibradas, capazes de estabelecer vínculos afetivos satisfatórios e respeitosos com os outros. Miranda (1994, p. 126) concorda com a ideia e ainda pontua:

Sob a influência dos reformadores moralistas, paulatinamente se admitia que a criança não era preparada para a vida, cabendo aos pais a responsabilidade pela formação moral e espiritual dos filhos, o que levou ao aparecimento de sentimentos novos nas

relações entre os membros familiares: o sentimento moderno de família.

A escola é a instituição que tem como função a socialização do saber sistematizado, ou seja, do conhecimento elaborado e da cultura erudita. De acordo com Saviani (2005), a escola se relaciona com a ciência e não com o senso comum, e existe para proporcionar a aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência) e aos rudimentos (bases) desse saber. A contribuição da escola para o desenvolvimento do sujeito é específica à aquisição do saber culturalmente organizado e às áreas distintas de conhecimento e deve garantir a aprendizagem de certos conteúdos essenciais como: leitura, escrita etc., fazendo com que desperte aluno crítico, interessado e participativo dentro da sociedade.

Miranda (1994) destaca que o "processo de socialização da criança é concretamente determinado pela sua condição histórico - social. Além disso, enquanto sujeito da história a criança tem a possibilidade de recriar seu processo de socialização e através dele interferir na realidade social" (MIRANDA, 1994, p. 131). Através do processo de socialização da criança, da sua relação com a afetividade se percebe como o meio pode proporcionar condições para a criança construir a sua personalidade, aprender e não apresentar dificuldades na sua aprendizagem.

Portanto, é através do contato com os diversos grupos de pessoas (família e outras instituições), da sua aceitação no grupo e a afetividade lhe dispensada que a criança desenvolve as primeiras aprendizagens.



2.2 A AFETIVIDADE NA CONCEPÇÃO DE WALLON

Um dos grandes pensadores que abordou o conceito de afetividade foi o psicólogo francês Henri Wallon. Segundo Wallon (1975, p. 228) "A educação é necessariamente um ato social." Assim, todo e qualquer ato social envolve a relação com outras pessoas e nas relações humanas existem as relações de afeto, seja esse afeto voltado para o bem, o carinho, o gostar ou para o mal, o ruim e o desagradável.

No processo de desenvolvimento da personalidade da criança, a afetividade tem um papel imprescindível, que se manifesta primeiramente no comportamento e posteriormente na expressão. Almeida (1999, p. 42) ao mencionar Wallon (1975) diz que ele:

Atribui à emoção como os sentimentos e desejos, são manifestações da vida afetiva, um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano. Entende-se por emoção as formas corporais de expressar o estado de espírito da pessoa, este estado afetivo pode ser penoso ou agradável.

O homem nunca está pronto e acabado, seu desenvolvimento é contínuo, tanto mentalmente como no crescimento orgânico. Segundo Almeida (1999, p. 44), "com a influência do meio, essa afetividade que se manifestava em simples gestos lançados no espaço, transforma-se em meios de expressão cada vez mais diferenciados, inaugurando o período emocional".

As relações familiares e o carinho dos pais exercem grande influência sobre a evolução dos filhos, em que a inteligência não se desenvolve sem a afetividade. Segundo Almeida (1999, p.50):

A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

São atitudes do cotidiano que mostra a importância de se estar presente na vida dos filhos: sentar com eles; contar uma história; contar as vitórias e as derrotas da vida; deixar que eles façam parte do seu mundo. É muito importante também que os pais brinquem com seus filhos: role no tapete, jogue bola e participe do seu dia a dia, essa afetividade pode trazer grandes benefícios para a aprendizagem escolar da criança.

O desenvolvimento psíquico da criança dá-se através do meio social que ela convive. Segundo Almeida (1999, p. 63) ao mencionar Wallon (1975) ela observa que "são as emoções que unem a criança ao meio social: são elas que antecipam à intenção e o raciocínio". O primeiro afastamento da criança com a família é sua entrada na escola e muitas vezes, as crianças não estão preparadas. Com isso o afeto da professora poderá ajudar muito a criança se interagir com a escola e os colegas.

Segundo Tiba (2002, p.157) "Os pais não devem prometer trazer brinquedos, doces ou figurinhas quando voltarem. É saudável



que a criança sinta que a separação não mata ninguém e comece a criar dentro de si mesma a noção de responsabilidade". Com o passar do tempo, a criança vai crescendo e as crises emotivas reduzem os ataques de choro, birras, surtos de alegria. O professor que entende a importância da afetividade na sua relação com a criança, estará atento a estes comportamentos e terá ações para que a criança entenda esta separação.

2.3 A SALA DE AULA E A RELAÇÃO EMOÇÃO E AFETIVIDADE

Tanto professor quanto o aluno pode passar por momentos emocionais durante o processo de ensino e aprendizagem e na maioria das vezes os professores não sabem lidar com as situações emotivas de sala de aula, pois elas podem ser imprevisíveis.

Para que sejam vencidos os desafios da relação com os alunos e a afetividade se transforme em uma ferramenta efetiva, é necessário que estejam claras as intencionalidades do educador em suas ações e escolhas. Na prática, isso significa literalmente prestar atenção na intenção por trás de cada atitude, aproximação, gesto ou fala – percebendo se esta está auxiliando ou não na construção de sentimentos positivos, como respeito e confiança.

As reações posturais das crianças são normalmente interpretadas como desatenção. Segundo Almeida (1999, p.90) "Assim, há uma grande insistência pela contenção do movimento, como se sua simples eliminação pudesse assegurar a aprendizagem da criança". O professor tem que ser equilibrado emocionalmente na sala de aula, tem que ter

e demonstrar afetividade, pois a sua postura de não ceder aos caprichos da emoção é que possibilitará o equilíbrio entre a razão e a emoção.

Segundo Almeida (1999) o meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações entre parceiros da mesma idade e com os adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições. Assim, o professor e os colegas são interlocutores permanentes tanto no desenvolvimento intelectual como do caráter da criança, o que poderá ser preenchido individual e socialmente.

Através dessas diversas interações, escola / família, professor / aluno, o meio proporciona experiências essenciais para a construção da personalidade da criança, caracterizando-a assim como ser humano, como sujeito do conhecimento e do afeto, possibilitando um maior crescimento e assim maior aprendizagem.

Orientamos as professoras lembrarem que a criança precisa ser reconhecida, ser elogiada, isso nutre a afetividade da criança, pois demonstra o interesse do professor pela criança, fazendo com que ela se sinta importante.

As primeiras aprendizagens das crianças ocorrem na primeira relação com a mãe (primeiras palavras, gestos...). Nesta relação à criança constrói sua aprendizagem de forma individual, que sofrerá modificações à medida que a criança se relaciona com



outros contextos. Segundo Almeida (1999, p. 48):

Cada estágio da afetividade, quer dizer as emoções, o sentimento e a paixão, pressupõem o desenvolvimento de certas capacidades, em que se revelam um estado de maturação. Portanto, quanto mais habilidade se adquire no campo da racionalidade, maior é o desenvolvimento da afetividade.

Os problemas de aprendizagem como o interesse pela leitura ou ouvir histórias, que são atividades que ocorre também na Educação Infantil, bem como não se interessar em escrever o próprio nome podem ser causas, sinais e evidências de um processo educacional que está desarticulado com a criança que ali está. Segundo Almeida (1999, p. 91), "[...] é preciso que o professor esteja muito atento aos movimentos das crianças, pois estes podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em conta no contexto de sala de aula".

Para Bossa (2000, p. 18) "Sabemos que o sentido das aprendizagens é único e particular na vida de cada um, e que inúmeros são os fatores afetivos emocionais que podem impedir o investimento energético necessário às aquisições escolares". Mas existem fatores que interferem na aprendizagem, impossibilitando o fluxo normal do processo de aprender: primeiro são os fatores internos de ordem orgânico ou psicológico (deve-se analisar a história da criança). E o segundo são os fatores externos ligados à metodologia de ensino, às condições socioeconômicas e ainda aos recursos do educador.

Cabe à escola contribuir para que a criança integre seu convívio na sociedade e ajudar a família a solucionar o problema com seus filhos, para que tenham uma imagem positiva da criança e uma relação de afeto entre eles. Ter atendimento educacional especializado também é uma responsabilidade da escola.

De acordo com Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, nas Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2010), no artigo 2º diz que "o AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem". O texto estabelece que o papel do professor do AEE é de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho de inclusão realizado na escola. Sua função é criar estratégias e atividades que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e aprendizagem do aluno com dificuldades de aprendizagem. Em suas atribuições, podem também, fazer articulações com profissionais das áreas da Medicina, Psicologia, Fisioterapia, Fonoaudiologia e outras afins.

O trabalho do AEE contribui imensamente para uma aprendizagem significativa dos alunos, pois nele estão contidos os objetivos e metas traçadas que serão utilizadas para que o aluno possa ter acesso ao ambiente de conhecimentos escolares de forma a garantir com autonomia o acesso, a permanência e a participação dele na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado nas obras pesquisadas, compreendemos que as manifestações de afetividade exercem um papel fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

A relação entre inteligência e afetividade, razão e emoção no desenvolvimento da criança e no contexto da educação estão inteiramente ligadas ao desempenho escolar, pois o desenvolvimento é um processo contínuo e a afetividade tem um papel imprescindível nesse processo, no entanto, o meio deve proporcionar relações de afetividade entre pais e filhos, professores e alunos.

Cabe aos pais e aos professores construírem com afetividade a relação com a criança fortalecendo seu desenvolvimento e aprendizagem, onde sejam trabalhadas as emoções, pois o resultado do trabalho com essas emoções pode resultar em grandes aprendizagens significativas, seja ela em casa ou na escola.

A qualidade da Educação Infantil depende, cada vez mais, da parceria entre a escola e a família. Possibilitar a comunicação entre estes atores, respeitar e acolher os saberes de ambos e ajudar-se mutuamente, são algumas ações em que beneficiarão as crianças.

Importante compreender que o cuidado com a afetividade seja alentado em todas as relações dentro da escola, incluindo aí toda comunidade escolar. Assim, cria-se uma cultura afetiva que envolve a todos e

diretamente os professores em seus desafios diários.

Portanto, conclui-se que valorizados ou não, o fato é que os afetos são parte intrínseca de qualquer interação humana – dentro ou fora da sala de aula e não é apenas o aluno quem tende a ser beneficiado com uma abordagem mais afetiva. A humanização da relação também pode levar o professor a ampliar o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **Emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

ANDRADE, L. B. P. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p.

ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BOSSA, N. A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos político-legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva** / Secretaria de Educação Especial. - Brasília : Secretaria de Educação Especial, 2010. p. 69.

CORRÊA, A. I. G. (2000). O adolescente e seus pais. In: **Congresso internacional de psicanálise e suas conexões: o adolescente e a modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

DANTAS, Heloysa; LA TAILLE, Ynes; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MIRANDA, G. M. O **processo de socialização na escola**: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Silva. Social o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MONTEIRO, L. **O papel do psicopedagogo**. Disponível em: Acesso em: 21 jun. 2009.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.

SAVIANI, D. (2005). **Pedagogia histórica-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados.

SMITH, C & STRICK. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.

WALLON, H. **As origens do caráter**. São Paulo: Nova Alexandria, 1934/1995.